Sátira e paródia em textos medio-latinos

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

Universidade de Lisboa

A poesia latina da época medieval, sobretudo aquela que se pode associar ao incremento da vida universitária dos séculos XII/XIII, reveste-se de grande variedade de formas, ritmos, inspiração e temas, desde a mais elevada poesia mística e religiosa, conformista, à mais irreverente apologia dos prazeres da gula e da libertinagem, constituindo ambas, em espelho, uma espécie de visão antitética e polifacetada da mesma cultura, dos mesmos terrores, aspirações e angústias. Se no primeiro género, na lírica do misticismo, se procura uma saída pelo caminho da salvação, no segundo tipo, o desregramento que se assume em palavras não é menos um sinal da necessidade de evasão de uma vida que se afigura tantas vezes sem sentido, ou um grito contra o espartilho da ordem social estabelecida, tanto no civil como no eclesiástico. Incluem-se nesta categoria as chamadas canções tabernárias, que têm como tema o jogo que vai até à nudez dos que perdem, no meio de uma desenfreada bebedeira.

Um dos traços mais característicos deste tipo de poemas é que eles mantêm uma ligação estreita com textos religiosos que tantas vezes parodiam, no vocabulário, no ritmo e até na própria música. Eu diria que há um acréscimo de sentido parodístico imediato quando ao soar das primeiras notas do canto, ainda antes da apreensão do significado verbal, os ouvintes se dão conta de que tal ou tal melodia é uma contrafacção do registo religioso.

Outro traço não menos característico é que os principais tópicos da sátira latina medieval, e também da paródia, envolvem críticas severas ao poder judicial, à Igreja, à avareza e à desigualdade social. O quadro que nos é traçado em linguagem violenta é que a Igreja naufraga num mundo dominado pela iniquidade. Os bens espirituais estão à mercê de uma Cúria Romana venal,

Carlos de Miguel Mora (coord.), *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias* (Aveiro 2003) 199-214

governada pela ambição do dinheiro: já não é Cristo que reina, diz-se, mas sim Mamona, o ímpio deus do dinheiro:

*Virtus ecclesiae clerici Mammon simonia
Cessat calcatur ambit regnat dominatur.*¹

Ou seja:

*A virtude deixa de ser praticada, a Igreja é espezinhada, o clero é cúvido,
reina Mamona, domina a simonia.*

A visão global da sociedade, onde a Igreja ocupa um espaço decisivo, é de grande pessimismo:

*Propter scelus perfidiae
quo mundus inquinatur
fluctuantis ecclesiae
sic status naufragatur.
Gratia prostat et scortatur
foro venalis curiae;
iuris libertas ancillatur
obsecundans pecuniae.*²

Tradução:

*O pecado da descrença
que inquina o mundo
é a causa do naufrágio
do estado da Igreja
à mercê das ondas.
À porta do prostíbulo
na feira de uma cúria venal
prostitui-se a graça espiritual.
A liberdade do direito feita escrava
serve os interesses do dinheiro.*

Estes versos resumem queixas infundáveis, que conhecem desenvolvimentos diversificados mas constantes, numa série interminável de expressões poéticas. O interessante é que esta sátira, embora não isenta de tópicos repetitivos, específicos do género, tem origem numa sensibilidade amargurada de quem assiste impotente ao naufragar da instituição eclesiástica

¹ *Carmina Burana*, Mit Benetzung der Vorarbeiten Wilhelm Meyers, kritisch herausgegeben von Alfons Hilka und Otto Schuman (Heidelberg 1930) CB 5: 3. A partir de agora citado por CB, seguido do número do poema e da estrofe ou do verso, conforme os casos.

² CB 4:2.

nas mais elevadas instâncias do poder, a Cúria Romana, os bispos, os abades e o clero em geral. Por detrás deste mal-estar pressente-se um anseio premente de uma reforma que venha pôr cobro aos abusos e à corrupção generalizados. Não é, por isso, de excluir que alguns desses textos tenham sido manejados como arma de combate contra a corrupção reinante e que tenham a sua origem nos movimentos que se filiam no milenarismo de Joaquim de Flora, amplamente divulgado pelos seus epígonos, mais extremistas a partir do séc. XIII. Há um eco de tristeza e de sentimento de exílio numa estrofe em que, como em Luís de Camões, se evoca o Salmo 136: «Sobre os rios de Babilónia». O poeta medieval serve-se desta evocação, integrando nela uma interpretação alegórica corrente que identificava Sião, a velha Jerusalém bíblica dos tempos felizes, com a Igreja florescente da época messiânica:

*Amaris stupens casibus
vox exultationis
organa in salicibus
suspendit Babylonis;
captiva est confusionis,
involuta doloribus
Sion cantica leta sonis
permutavit flebilibus.³*

Tradução:

*A voz da exultação
abatida com sucessos tão amargos
pendurou o alaúde
nos salgueiros de Babilónia.
Cativa da confusão
envolvida em tanta dor
Sião mudou a alegria do canto
em gemidos e lamentos.*

Esses «*amaris casibus*», a que o poema se refere, são a «hipocrisia», a «fraude», a «mentira», a «falsidade», a «ambição», a «cupidez».⁴ A sátira mais violenta contra este mal endémico encontra-se num poema todo ele construído em torno do tema do dinheiro:

³ CB 4:1.

⁴ Cf. CB 4:3.

Arnaldo do Espírito Santo

*In terra summus rex est hoc tempore Nummus.*⁵

(Na terra, em nosso tempo, Dinheiro é o supremo rei.)

Numa fiada de 50 versos, em tom de ladainha, desfilam os reis, o «venalis ordo pontificalis», os abades e os priores dos mosteiros. E, numa observação válida para todos os tempos, diz-se que os interesses económicos são a causa última de todas as guerras e só há paz quando lhes convém:

*Nummus bella gerit, nec si vult pax sibi deerit.*⁶

(Dinheiro faz a guerra e não lhe falta a paz, se assim o quer.)

Particularmente bem conseguida é esta espécie de hino de louvor ao dinheiro, em recitativo paródico, em que se verberam os lautos banquetes e a ostentação no trajar:

In Nummi mensa sunt splendida fercula densa.

Nummus laudatos pisces comedit piperatos.

Francorum vinum Nummus bibit atque marinum.

Nummus famosas vestes gerit et pretiosas.

Nummo splendorem dant vestes exteriorem.

*Nummus eos gestat lapides, quos India prestat.*⁷

Tradução:

Na mesa de Dinheiro há uma baixela esplêndida bem servida.

Dinheiro come o famoso peixe com molho de pimenta.

Dinheiro bebe vinho francês e vinho marino.

Dinheiro usa vestes famosas e preciosas.

São as vestes que dão o esplendor a Dinheiro.

Dinheiro ostenta os diamantes que a Índia produz.

Em suma, toda a consideração social vem do Dinheiro:

*Nummus dulce putat, quod eum gens tota salutat.*⁸

(Dinheiro acha agradável ser saudado por toda a gente).

E, segundo um provérbio atribuído a Alexandre Magno, não há cidadela que resista se a ela tiver acesso um jumento carregado de ouro. Essa ideia é retomada de uma forma sintética em:

⁵ CB 11:1.

⁶ CB 11:7.

⁷ CB 11:29-34.

⁸ CB 11:35.

*Nummus et invadit et quae vult oppida tradit*⁹,
(Dinheiro invade e entrega as cidadelas que lhe apetece)

que vem completar e explicitar outro verso já citado:

*Nummus bella gerit, nec si vult pax sibi deerit.*¹⁰

Finalmente, para concluir estas observações sobre a sátira ao Dinheiro e à cupidez, saliento que ela está repassada de elementos paródicos ao sagrado. O primeiro é sem dúvida o facto de o poema ter a forma de uma ladainha. O segundo é a própria música. O terceiro é que as glórias e os benefícios do Dinheiro são tantos que ele é adorado como um verdadeiro Deus, porque opera milagres, cura os enfermos, faz ouvir os surdos e põe os paráliticos a saltar. O quarto é que apresenta o Dinheiro a celebrar missa, a pregar, a fingir arrependimento e a enganar o povo:

Vidi cantantem Nummum, missam celebrantem;
Nummus cantabat, Nummus responsa parabat;
Vidi quod flebat, dum sermonem faciebat
*Et subridebat, populum quia decipiebat.*¹¹

Em português:

Vi Dinheiro a cantar, a missa celebrar;
Dinheiro cantava, os responsos preparava;
Vi que chorava, enquanto pregava,
E por dentro ria, porque o povo iludia.

Que interpretação dar a toda esta verve satírica e paródica, que atinge em cheio a Igreja? A mais óbvia é a simples verificação da existência de uma grande liberdade de crítica às instâncias do poder civil e religioso. Ao contrário do que se poderia imaginar, a Idade Média foi uma época em que a liberdade de expressão e de crítica se exerceu sem restrições e sem controle, de uma forma selvagem. Por um lado, era plena a consciência do direito à liberdade individual que brotava sob todas as formas de expressão escrita; por outro lado, não havia meios de controlar as manifestações críticas que surgiam anónimas e até da boca dos pregadores e dos mais autorizados autores eclesiásticos.

⁹ CB 11:36.

¹⁰ CB 11:7.

¹¹ CB 11:42-45.

Para me situar no espaço português, recordo o espírito satírico que perpassa pelo *Estado e Pranto da Igreja (Status et Planctus Ecclesiae)*, obra da autoria de Fr. Álvaro Pais, Bispo de Silves (séc. XIII-XIV), que de modo algum se pode considerar contaminado pela heresia. As suas críticas, como as do poema *In terra summus rex est hoc tempore Nummus*, nascem de uma consciência torturada pela visão da crise geral dos valores divinos e humanos, que afecta a própria Igreja. Além disso, é muito significativo que grande parte desta literatura tenha chegado até nós porque se encontrava nas bibliotecas dos mosteiros e dos cabidos das sés catedrais. Uma das principais colectâneas deste tipo de poesia provém do mosteiro de Beuron, na Alemanha, e daí tomou a designação de *Carmina Burana*. Como poemas em folhas soltas circularam um pouco por toda a parte. O poema *In terra summus rex est hoc tempore Nummus* encontra-se entre nós no códice Alcobacense 34, proveniente do mosteiro de Alcobaça, e actualmente em Lisboa na Biblioteca Nacional.¹² Aliás este tipo de crítica é de todos os tempos, embora cada autor considere o mal, que lhe dá origem, específico do seu tempo. D. Luís de Gôngora assim escreveu no séc. XVII, como que impregnado desse mesmo espírito, contra o dinheiro:

*Todo se vende este día,
todo el dinero lo iguala;
la corte vende su gala,
la guerra su valentía:
hasta la sabiduría
vende la Universidad,
!verdad!¹³*

E já Tácito na Antiguidade deixou escrito: «Aurum et opes praecipuae bellorum causae»,¹⁴ pensamento que o nosso anónimo medieval exprimiu sinteticamente em «Nummus bella gerit».

É com esta advertência e com este enquadramento que nos voltamos agora para a análise de uma paródia bíblica, chamando ainda a atenção para o facto de que toda esta obsessão pelos malefícios do dinheiro, nos séculos

¹² Cf. Mário Martins, *A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa (Séculos XIII e XIV)* (Lisboa 1986) 123.

¹³ Transcrito por Víctor-José Herrero Llorente, *Diccionario de Expresiones y Frases Latinas* (Madrid 2001).

¹⁴ *Annales*, 4, 74, 20-21.

XII/XIV, é consequência directa da recuperação do comércio e do desenvolvimento urbano que vem perturbar grandemente as relações de dependência e de solidariedade entre os vários estratos sociais. Respira-se nas referências literárias um mal-estar endémico, patente no verso: «Aes sonat, urbs plorat» («Soa o metal, chora a cidade»)¹⁵

Uma das sátiras mais contundentes que algum dia se escreveram contra a cupidez da Cúria Romana é um texto em prosa que começa assim: «Initium sancti evangelii secundum marcas argenti»; em português, «Início do santo evangelho segundo marcos de prata».¹⁶

O conteúdo é o mesmo que encontramos nas sátiras ao dinheiro. Mas neste texto, o mais interessante é o tom paródico que ressalta dos vários procedimentos literários da sua construção.

O primeiro é, sem dúvida, o facto de o texto ser decalcado sobre a proclamação do Evangelho na missa; o segundo é a própria música do recitativo. Só estes dois factos eram suficientes para situarem os ouvintes no contexto do sagrado. Mas de imediato dão-se conta de que a fórmula normal «segundo Marcos» é distorcida para «segundo marcos de prata». O nome próprio do evangelista Marcos, por uma associação fonética fácil, é distorcido semanticamente e substituído por um substantivo comum, os marcos, nome da moeda já em uso na região da actual Alemanha durante a Idade Média. Para que não haja dúvidas de interpretação, acrescenta-se-lhe o determinativo «argenti», «de prata».

Esta subversão semântica do texto sagrado é o fundamento de toda a paródia subsequente, da qual resulta um acréscimo de sentido satírico. É extremamente corrosivo, por exemplo, dizer-se que o princípio deste novo Evangelho praticado pela cúpula da Igreja é o «Dinheiro». Isto significa que já não é o Evangelho dos pobres o que ela pratica e que, portanto, perdeu a sua legitimidade e a sua essência.

Sendo, pois, a subversão semântica a base da paródia, não é de admirar que a camada do sagrado represente a maior percentagem de texto. No caso de que nos ocupamos, o número de palavras inalteradas representa cerca de 70% de texto bíblico de várias procedências. O processo literário mais seguido consiste em tomar como base um texto conhecido, bíblico ou litúrgico,

¹⁵ CB 1:1, p. 28.

¹⁶ CB 44.

e acrescentar-lhe palavras ou frases que em outro contexto seriam inócuas e que, integradas num contexto sacral, adquirem um significado novo, não por aquilo que dizem, mas pelo contexto em que são ditas. Na verdade, se retirarmos o fraseado bíblico ao conjunto, verificamos que a parte acrescentada pelo autor é em si relativamente inocente, ou pelo menos não contém a verve que lhe é dada pelo confronto com o texto bíblico. No caso em análise, fica-nos a narrativa, pouco edificante, de um clérigo pobre que se dirigiu à Cúria Romana a pedir um benefício. Mas como sem pagar nada conseguiu, foi-se dali, vendeu o que tinha e deu-o aos cardeais, aos porteiros e aos camareiros do Papa. Como isso era pouco, foi deixado à porta, sem ser atendido. Depois dele chegou um clérigo rico. Deu dinheiro ao porteiro, ao camareiro e aos cardeais. E, quando o Papa soube que estes e os ministros da Cúria tinham recebido em abundância, não descansou enquanto não recebeu o seu quinhão.

Esta historieta contém uma crítica evidente à venalidade da Cúria Pontifícia, que vai do porteiro ao Papa, e ao favoritismo concedido a pessoas que possuem dinheiro, embora pobres e ricos sejam esbulhados do que têm. «Curia Romana non curat ovem sine lana», «A Cúria Romana não trata da ovelha sem a tosquia», como se diz noutro poema.¹⁷

Tudo isso é verdade, mas a maior carga semântica vem do texto bíblico inserido, porque à sátira explícita vem acrescentar, mediante a paródia, um potencial de significado que vai muito além da simples narrativa factual. Efectivamente a sátira é potencializada pela aproximação, automática na mente do leitor ou do ouvinte, entre o que é dito pelo Papa aos Romanos («In illo tempore: dixit papa Romanis») e o que foi dito por Cristo aos Apóstolos. O texto explícito remete para a citação subentendida, subvertendo-a.

A primeira subversão está em que a frase bíblica «Cum sederit Filius Hominis in sede maiestatis suae» foi ligeiramente alterada nas palavras atribuídas ao Papa: «Cum venerit filius hominis ad sedem maiestatis nostre». Em S. Mateus 19:28, a expressão «Filius Hominis» refere-se à imagem do Messias que, como juiz universal, vem julgar os vivos e os mortos. Nas palavras do Papa, por uma subversão drástica, «filius hominis» significa, seguindo uma interpretação literal, qualquer pessoa que se abeira da Cúria, designada como «sedem maiestatis nostrae» («a sé da nossa majestade»).

¹⁷ CB 45/II.

Esta «sé da nossa majestade» é, evidentemente, a Sé Apostólica, a Cúria Romana, com toda a insinuação de que se trata de um potentado majestático, onde abunda a riqueza, o fausto e a pompa. Para obter este efeito, bastou substituir «suae», de Cristo, por «nostrae», do Papa.

Além disso, entra em rota de significado um outro texto (Mateus 25:44s), em que o «Filius Hominis», procedendo ao julgamento «super sedem maiestatis suae», se identifica com os famintos, os sem abrigo, os enfermos, e os prisioneiros: «Quamdiu fecistis uni de his fratribus meis minimis mihi fecistis».¹⁸ Pelo contrário, «a Sé da nossa majestade» despreza os pobres e esbulha os ricos. A subversão mais cáustica está, todavia, em associar Mateus 7:7, «pulsate et aperietur vobis»¹⁹ («Batei e abrir-se-vos-á») com Mateus 25:30, «eicite eum in tenebras exteriores»²⁰ («Lançai-o nas trevas exteriores»), frase que o Papa manda dizer a todo o solicitante que «bata à porta da Cúria, sem ter nada para dar» («At ille si perseveraverit pulsans nil dans vobis, eicite eum in tenebras exteriores.»)²¹ Desta forma, a paródia eleva à maior potência o sentido satírico do texto.

Não cabe nos limites de tempo desta comunicação analisar os pormenores de que se serve o recurso à paródia. Que se trata de um recurso literário multiplicativo do significado, penso que é uma evidência.

Não passarei adiante, porém, sem chamar a atenção para um outro facto, a saber, a proliferação de passos bíblicos que entram em jogo na constituição desta paródia. «Miseremini mei saltem vos, hostiarum pape, quia manus paupertatis tetigit me» remete para Job 19:21, «miseremini mei miseremini mei saltim vos amici mei quia manus Domini tetigit me». Como os falsos amigos de Job, assim os porteiros do Papa são insensíveis à miséria humana e à pobreza. A sua reacção: «paupertas tua tecum sit in perditione»,²² remete para Actos dos Apóstolos 8:20 — «pecunia tua tecum sit in perditionem». Bastou substituir «pecunia» por «paupertas», para que o espírito da Igreja primitiva, presente nos Actos dos Apóstolos, seja subvertido e as palavras, com que S. Pedro estigmatizou a simonia, sejam utilizadas para a justificar.

¹⁸ Mateus 25:40.

¹⁹ Mateus 7:7 = Lucas 11:9.

²⁰ Mateus 25:30.

²¹ CB 44:4-5.

²² CB 44:9-10.

«Vade retro me, satana, quoniam non sapis quae Dei sunt» são as palavras que Cristo dirigiu a S. Pedro quando ele se propunha evitar a paixão e morte dele. O ponto de vista de Pedro era demasiado humano e não se apercebia das coisas de Deus: «non sapis quae Dei sunt». Neste caso, o efeito paródico resulta da alteração de «quae Dei sunt» para «quae sapiunt Nummi» e da substituição do emissor e do destinatário: de Cristo pelos porteiros do Papa, S. Pedro pelo clérigo pobre, o qual, com a sua pobreza, passa a ser inimigo do deus Dinheiro e da Igreja.²³

«Amen, amen, dico tibi: non intrabis in gaudium domini tui, donec dederis novissimum quadrantem»²⁴ remete para Mateus 5:26, passo este em que se afirma a severidade do supremo juiz para com aqueles que alimentam ódios e não se reconciliam com os seus inimigos. Mas, integrado na mesma fala dos porteiros do Papa, o segmento «non intrabis in gaudium meum» evoca a parábola do servo fiel que fez render os talentos que o seu senhor lhe confiou.²⁵ O processo utilizado é subtil, porque a sátira é tanto mais verrinosa quanto se apoia na transcrição fiel do texto bíblico, sem outra alteração que não seja a introdução da partícula *non* e a mudança de «intra» em «intrabis», o que permite ligar entre si essas duas situações. O ridículo é que o clérigo pobre não está em nenhuma delas e, não obstante, é obrigado a dar tudo o que tem até ao último centavo. Do ponto de vista formal, a relação semântica entre as duas situações é estabelecida pela ligação sintáctica «non intrabis... donec», o que revela grande mestria no manejo da arte da paródia.

Na sequência destas admoestações dos porteiros do Papa, o pobre clérigo retirou-se, vendeu as suas vestes e regressou com algum dinheiro. Mas logo lhe disseram: «Et hoc quid est inter tantos?»²⁶ Isto é, essa pequena quantia não basta para ser dividida entre porteiros, camareiros, cardeais e Papa. A expressão latina utilizada é uma reminiscência da narrativa do milagre da multiplicação dos pães: «est puer unus hic qui habet quinque panes hordiacios et duos pisces sed haec quid sunt inter tantos?»²⁷ Mas mais uma vez outro contraste entra em acção: se neste caso cinco pães e dois peixes foram

²³ CB 44:10-11: «Vade retro, satanas, quia non sapis ea, que sapiunt nummi.»

²⁴ CB 44:11-12.

²⁵ Cf. Mateus 25:21-23.

²⁶ CB 44:13-14.

²⁷ João 6:9.

suficientes, por um milagre de solidariedade, para alimentar uma grande multidão, na Cúria do senhor Papa muito dinheiro não basta, por império da cobiça, para satisfazer o apetite insaciável de dinheiro dos parasitas da cristandade. Crítica terrível ao estado da Igreja.

O pobre clérigo foi posto a andar: «et egressus foras flevit amare et non habens consolationem».²⁸ Segundo o Evangelho de S. Lucas, foi Pedro que «saiu do pretório e chorou amargamente» por ter renegado a Cristo.²⁹ No caso do clérigo pobre que foi a Roma, é ele que chora pelo tratamento que recebeu dos porteiros da Cúria dos sucessores de Pedro e pelo estado a que chegou a cúpula da Igreja. Chora e não tem consolação possível.

É de facto mestria genial concentrar em 250 palavras uma carga satírica tão veemente, a que anda associada uma grande capacidade de mobilização social. Foi por estes meios que se desenvolveu a consciência da necessidade urgente da reforma da Igreja. Entre os mais ortodoxos cristãos generaliza-se o sentimento de que o estado da Igreja «piora de dia para dia», como disse um poeta do séc. XII, Gauthier de Châtillon, a propósito dos tribunais eclesiásticos:

*Libet intueri
iudices ecclesie
quorum status hodie
peior est quam heri.*³⁰

*(Observem-se
os juizes da Igreja
cujo estado é hoje
pior que o de ontem.)*

Mas este mesmo poeta, um dos maiores do seu tempo, envolveu no mesmo rol de críticas «os laicos» e os «principes» e os «reges»

*quos pari iudicio
luxus et ambitio
quasi nox obscurat,
quos celestis ulcio*

²⁸ CB 44:15-16.

²⁹ Lucas 22:62.

³⁰ *Lirica Latina Medieval*, I Poesia profana, Edición Bilingüe preparada por José Oroz Reta y Manuela-A. Marcos Casquero (Madrid 1995) 346.

*bisacuto gladio
perdere maturat*³¹

*(Os leigos
os príncipes e os reis
que em igual julgamento
o luxo e a ambição
escurecem como a noite,
e que a vingança do céu
com espada de dois gumes
se apressa a condenar.)*

A crise dos valores religiosos e morais é um mal de todos os tempos e não era apanágio nem dos homens da Igreja nem da instituição eclesiástica.

Mas voltemos ao texto. Encerrado o caso do clérigo pobre, chega um clérigo rico. Sendo ambos clérigos, o que os diferencia é uma antítese: a pobreza e a riqueza. É essa antítese o principal critério de funcionamento das instituições e do poder, religioso e civil.

Quando o leitor depara com a expressão «clericus dives» («um clérigo rico») já adivinha de antemão qual vai ser o desenvolvimento e a saída do seu processo. Do ponto de vista da linguagem a sátira é ainda mais afiada. Toda a compaixão que existia pelo clérigo pobre torna-se em repulsa pelo clérigo rico: «incrassatus, impinguatus, dilatatus»³² («homem gordo, bem cevado, avantajado»). O curioso é que mesmo este vocabulário é de origem bíblica, do livro do Deuteronomio, memorizado na recitação do ofício, onde o nosso autor o lia nas laudes de sábado: «Incrassatus est dilectus, et recalcitravit: incrassatus, impinguatus, dilatatus».³³ Deus queixa-se do abandono por parte do seu povo. Este significado é reforçado com a remissão para o episódio da Paixão em que Pilatos liberta Barrabás «qui cum seditiosis erat uinctus qui in seditione fecerant homicidium»³⁴. O mesmo se passou com o clérigo rico.

Desta alusão paródica, salta à vista um símile que envolve duas situações: a de Cristo e Barrabás, por um lado, e, por outro, a do clérigo pobre e a do clérigo rico. O acréscimo de sentido vem da insinuação contida neste

³¹ Idem, p. 348.

³² CB 44:17.

³³ Deuteronomio 32:15.

³⁴ Marcos 15:7.

símile: a Cúria Papal não é melhor do que o pretório de Pôncio Pilatos que condenou Cristo inocente e absolveu o criminoso Barrabás. Mas, como «Dinheiro tudo compra» — «omnia Nummus emit»³⁵ — o clérigo rico foi atendido à custa do dinheiro que despendeu.

«Mas eles pensaram que deviam receber ainda mais» é uma expressão que se lê em S. Mateus 20:10, parábola dos trabalhadores contratados a várias horas do dia para cavar a vinha do senhor. O Papa, porém, num discurso carregado de ironia, avisa os seus criados e cardeais de que não se deixem enganar — «Fratres, videte, ne aliquis vos seducat inanibus verbis». Este aviso remete simultaneamente para Mateus 24:4 / Marcos 13:5 — «uidete ne quis uos seducat» — e para Efésios 5:6 — «nemo uos seducat inanibus uerbis». A suprema ironia é ver um Papa que, segundo o contexto desta paródia, vivia a enganar os cristãos, a dizer aos seus discípulos, os cardeais, que não se deixem enganar e que sigam o seu exemplo: «Exemplum enim do vobis, ut, quemadmodum ego capio, ita et vos capiatis» («Dou-vos o exemplo: assim como eu recebo, assim também vós recebais»).

Esta frase é decalcada naquela que Cristo proferiu durante a última ceia, após ter lavado os pés aos discípulos³⁶, mas o seu significado é totalmente o oposto. O Papa desta paródia apenas substituiu «feci» por «capiro», «faciatis» por «capiatis», e tanto bastou para a subversão total do texto.

Segundo o ponto de vista do autor, se o mal começa pela cabeça da Igreja, o Papa e a Cúria Romana, a reforma deve iniciar-se pela cúpula. Estava aberto o caminho para a reforma, viesse de onde viesse, e foram muitos aqueles que a tentaram de dentro da própria Igreja.

Ao concluir esta análise, ocorre-nos uma pergunta: que tipo de pessoa era o autor desta paródia? Sem dúvida alguma, alguém que conhecia a Bíblia em profundidade, que memorizara alguns dos seus textos pela leitura semanal que deles fazia, e que foi capaz de enquadrar uma historieta banal, provavelmente fictícia, mas não irreal, com 19 citações bíblicas de nove livros diferentes. Mateus, como convinha à base da paródia, a leitura do Evangelho na missa, conta com nove citações. Apesar de o Evangelho se intitular «secundum Marcas argenti», o que remete para S. Marcos, só há duas citações do seu Evangelho. Igual número de citações remete para S. João.

³⁵ CB 11:10.

³⁶ João 13:15.

Citações evangélicas são, portanto, 14, o que representa 73% do total. Actos dos Apóstolos, Epístola aos Efésios, Deuterónimo, Daniel e Job não vão além de uma remissão cada um. Daqui podemos concluir que o autor desta paródia era um clérigo com um conhecimento interiorizado da Bíblia e com uma prolongada convivência com a liturgia da Igreja, um religioso, por certo, intimamente convicto de que a reforma da Igreja só podia ser feita mediante o regresso às fontes do Cristianismo, os Evangelhos. Quem quer que ele tenha sido, lutava pela reforma da Igreja, aliando à paródia a sátira, o mais comprometido dos géneros literários, como afirmou esta manhã o Prof. Sánchez Marín.

* * * * *

Abstract: Medieval Latin poetry, particularly that which can be associated with the rise of university life during the 12th and 13th centuries, takes on a variety of forms, rhythms, inspiration and themes, ranging from the elevated forms of mystical and religious poetry to the boundless eulogy of the pleasures of gluttony and reckless behaviour, both of them composing a mirror effect through which we are presented with an antithetical and multifarious vision of the same culture, the same terrors, aspirations and anguishes. One of the key characteristics of this type of poetry is that it is closely linked with the religious texts they often parody, whether through the vocabulary, the rhythm or even through music itself. The literary processes of satire and parody will be analysed.

Keywords: Satire; parody; Medieval Latin texts.

Resumen: La poesía latina de época medieval, sobre todo la que se puede asociar al aumento de la vida universitaria de los siglos XII/XIII, se adorna con una gran variedad de formas, ritmos, inspiración y temas, desde la más elevada poesía mística y religiosa, conformista, hasta la más desenfadada apología de los placeres de la gula y el libertinaje, constituyendo ambas, en espejo, una especie de visión antitética y polifacética de la misma cultura, de los mismos terrores, aspiraciones y angustias. Uno de los rasgos más característicos de este tipo de poemas es que mantienen una relación estrecha con los textos religiosos que tantas veces parodian, en el vocabulario, en el ritmo y hasta en la propia música. Se analizan los procesos literarios de la sátira y de la parodia.

Palabras clave: Sátira; parodia; textos latinos medievales.

Résumé: La poésie latine du Moyen-Age, surtout celle qui se trouve associée à l'établissement de la vie universitaire des XII^e et XIII^e siècles, se revêt d'une grande variété de formes, de rythmes, d'inspiration et de thèmes, tout autant dans la plus haute poésie mystique et religieuse, conformiste, que dans la plus éperdue apologie des plaisirs de la gourmandise et du libertinage, chacune d'entre elles constituant, en miroir, une espèce de vision antithétique et polyfacettée de la même culture, des mêmes terreurs, aspirations et angoisses. Un des traits les plus caractéristiques de ce type de poèmes se trouve dans le fait que ces derniers entretiennent une liaison étroite avec les textes religieux qu'ils parodient si souvent, soit par le vocabulaire, soit par le rythme ou, encore, par la musique elle-même. Les procédés littéraires de la satire et de la parodie sont analysés.

Mots-clé: parodie; textes latins du Moyen Age.

Resumo: A poesia latina da época medieval, sobretudo aquela que se pode associar ao incremento da vida universitária dos séculos XII/XIII, reveste-se de grande variedade de formas, ritmos, inspiração e temas, desde a mais elevada poesia mística e religiosa, conformista, à mais desenfadada apologia dos prazeres da gula e da libertinagem, constituindo ambas, em espelho, uma espécie de visão antitética e polifacetada da mesma

Arnaldo do Espírito Santo

cultura, dos mesmos terrores, aspirações e angústias. Um dos traços mais característicos deste tipo de poemas é que eles mantêm uma ligação estreita com textos religiosos que tantas vezes parodiam, no vocabulário, no ritmo e até na própria música. Analisam-se os processos literários da sátira e da paródia.

Palavras-chave: Sátira; paródia; textos médio-latinos.